

LGBTQIA+: REFLEXÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR INTEGRANTES DA COMUNIDADE NO CONTEXTO PANDÊMICO CAUSADO PELO NOVO CORONAVÍRUS

43

DE CARVALHO, Hiago¹

CRISTINE, Luanda²

SOUZA, Rodolfo³

RESUMO

O presente artigo pretende captar experiências vivenciadas por integrantes da comunidade LGBTQIA+ em tempos de pandemia do novo coronavírus. Para tanto, foi feita, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica com temas pertinentes ao artigo. Além disso, formulou-se um questionário para ser aplicado no público-alvo em questão. E, por fim, foram realizadas entrevistas, contendo questões abertas, com integrantes da sigla. Levando em consideração o contexto de fragilidade mundial, serão analisadas e apontadas as principais similaridades e diferenças presentes nas experiências relatadas. O objetivo aqui será de conscientizar pessoas integrantes (ou não) dessa sigla sobre tais questões e, principalmente, contribuir para uma melhor compreensão e evidenciação das fragilidades vivenciadas pela população LGBTQIA+ na atualidade.

Palavras chave: LGBTQIA+. Covid19. Pandemia. Experiências.

ABSTRACT

This article aims to capture experiences lived by members of the LGBTQIA + community in times of the pandemic of the new coronavirus. To this end, a bibliographic research based on themes relevant to the article was conducted. In addition, a questionnaire aimed at the target audience in question was formulated. Finally, interviews containing open-ended questions were carried out among members of the acronym. Considering the context of global fragility, the main similarities and differences present in the reported experiences will be analyzed and pointed out. The objective here will be to make people who are members (or not) of this acronym aware of such issues and, mainly, to contribute to a better understanding and disclosure of the fragilities experienced by the LGBTQIA + population today.

Keywords: LGBTQIA+. Covid19. Pandemic. Experiences.

¹ Graduando em Psicologia no Centro Universitário Celso Lisboa

² Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Graduada em Letras – português/ literatura; Graduada em Psicologia no Centro Universitário Celso Lisboa

³ Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa e Doutor em Psicologia Social pelo programa de Pós-Graduação em psicologia social (PPGPS/UERJ)

INTRODUÇÃO

O artigo versa sobre a situação vivenciada pela comunidade LGBTQIA+ em tempos de pandemia. Compreendemos que a pandemia, estabelecida pelo novo coronavírus, é um fenômeno que tem afetado a população mundial. Assim, buscaremos verificar, ao longo desse trabalho, como as vivências LGBTQIA+ têm sido impactadas, recorrendo a uma pesquisa com levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas LGBTQIA+. Assim, serão discutidas as diferentes experiências relatadas por indivíduos que integram esta comunidade.

Iniciada na cidade de Wuhan, na Província de Hubei, no sudeste da China, a COVID-19 teve seus primeiros casos diagnosticados em novembro de 2019 e se espalhou pelo resto do mundo (PEREIRA *et al.*, 2020). O COVID-19, sigla para *CoronavirusDisease 2019*, ou seja, doença do Coronavírus 2019, é uma infecção respiratória provocada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma pandemia (SCHUCHMANN *et al.*, 2020).

A doença COVID-19 foi registrada em mais de 180 países ao redor do mundo, incluindo o Brasil e, devido ao avanço da contaminação da mesma, as autoridades governamentais precisaram adotar estratégias, com a intenção de reduzir o ritmo da progressão da doença (KRAEMER *et al.*, 2020 apud SCHUCHMANN *et al.*, 2020). Inicialmente, a OMS sugeriu o distanciamento social⁴, a fim de evitar aglomerações, uma vez que “o vírus é transmitido de pessoa para pessoa por gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, acompanhado por contato pela boca, nariz ou olhos, ou até mesmo, por meio de objetos e superfícies contaminadas”. (PEREIRA *et al.*, 2020). Entretanto, em casos extremos, a medida de contenção sugerida foi o Isolamento Social⁵, em que as pessoas não podem sair de suas casas para evitar a proliferação do vírus.

De acordo com uma revisão de estudos sobre situações de isolamento social e quarentena estabelecida por Lima (2020), há predomínio de efeitos psicológicos negativos a partir destas práticas. Alguns exemplos são: humor rebaixado, irritabilidade, raiva, medo e insônia. Em escala mundial, dado o contexto inédito de

⁴ Conjunto de ações e medidas que limitam o convívio social com o objetivo de controlar a propagação de doenças contagiosas.

⁵ Corresponde a uma medida emergencial na qual o paciente infectado com a COVID-19 é isolado de indivíduos não doentes com o objetivo de diminuir as possibilidades de transmissão.

pandemia e o isolamento social de milhões de pessoas, é possível que os impactos sejam ainda maiores.

Apesar de os primeiros artigos e relatos começarem a surgir (disponíveis para consulta em páginas como o *COVID-19 Resource Centre do The Lancet*⁶), ainda há escassez de material científico avaliando os efeitos psicossociais da pandemia nos diferentes países e grupos sociais (LIMA, 2020).

Diante do exposto, o trabalho busca dar voz às experiências relatadas por integrantes da comunidade LGBTQIA+ no contexto da pandemia causada pelo novo Coronavírus. Afinal, se há tantos efeitos desse quadro sobre a população em geral, o que dizer de um grupo que é, geralmente, marginalizado e sofre com diversos tipos de preconceito?

O artigo é composto por uma revisão bibliográfica, dentro das plataformas SciElo e Periódicos Capes, utilizando as palavras-chave combinadas: “LGBTQIA+”, “Sofrimento na pandemia” e “Sofrimento psíquico”. Por conta da pouca disponibilidade de material, são usados como referências vídeos do *YouTube* que abordem a temática LGBTQIA+. Além disso, foram realizadas entrevistas com pessoas que se identifiquem como LGBTQIA+. Para isso, foram utilizadas plataformas remotas como: *Skype*, *Google Meet* ou *Whereby*.

Para compreendermos os impactos da pandemia nas vivências da população LGBTQIA+, realizamos sete entrevistas estruturadas e com questões abertas entre os meses de janeiro a abril de 2021, com o público-alvo em questão. Todas as entrevistadas preencheram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo modelo pode ser lido em anexo ao final deste artigo. Os dados obtidos através do questionário serão analisados de forma que sirvam como base para uma discussão acerca do tema proposto. Segundo Fraser e Gondim (2004, p. 2):

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo.

Tomando como objetivo captar experiências vivenciadas, a pesquisa buscou manter o máximo de empatia possível e valorizar as experiências relatadas pelos entrevistados, limitando-se ao que foi puramente relatado por esses indivíduos.

⁶ Disponível em: <https://www.thelancet.com/coronavirus>.

Indivíduos esses que se declaram integrantes da comunidade LGBTQIA+ e aceitaram voluntariamente participar da pesquisa.

Nosso objetivo é compreender as experiências vivenciadas por integrantes da comunidade LGBTQIA+ em tempos de pandemia do novo coronavírus. Além deste objetivo geral apontado, buscaremos também traçar uma linha histórica sobre a comunidade LGBTQIA+, desde seu surgimento, discutir sobre o impacto causado pela pandemia do novo coronavírus em seus diversos âmbitos e possibilidades, e, principalmente, levantar narrativas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ sobre os impactos dessa pandemia dentro das experiências vivenciadas por eles.

A compreensão da relevância deste estudo parte, primeiramente, de quem somos. O grupo é composto por quatro mulheres e dois homens Cisgêneros. Parte de nós se identifica como integrante da comunidade LGBTQIA+ e outra parte possui interesse em desenvolver pesquisas conectadas com essa temática, pois se vê como parceiro na luta por uma sociedade mais equânime. Sendo assim, o principal motivador para a realização deste artigo provém do exposto.

Além disso, a realidade pandêmica e a escassez de artigos publicados que tratem desse tema ao realizarmos consultas nas plataformas SciELO e Periódicos Capes impulsionou a realização da pesquisa.

Por fim, reconhecemos a importância de desenvolver um conteúdo que explicita a real importância do percurso dessa comunidade, desde seu surgimento e que também colabore com a manutenção dessa identidade tão pluralista, já que o foco na saúde mental se mostrou tão eficaz para garantir o bem-estar humano.

REVISÃO

LGBTQIA+: A PLURALIDADE DAS VIVÊNCIAS

A história da pluralidade: compreendendo a diversidade por meio de suas letras

O Brasil é considerado o país que mais mata indivíduos travestis e transexuais, segundo dados publicados pela organização não governamental *TransgenderEurope* (TGEu) em 2016, sendo 868 mortes contabilizadas nos últimos oito anos. Por outro lado, somos o país que mais realiza paradas de orgulho LGBTQIA+, que se configuram como: uma manifestação popular que dialoga com a política, gerando eventos em várias cidades do território nacional. “Se hoje existe um conceito por trás

da comunidade LGBTQIA+, foi porque seu percurso construiu, através dos anos, uma identidade para essa comunidade” (BORTOLETTO, 2019).

De acordo com Facchini (2005), em uma de suas obras mais conhecidas, intitulada *SOPA DE LETRINHAS? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*, a história do percurso LGBTQIA+ no Brasil se divide em três principais momentos. O primeiro corresponde ao período entre os anos de 1978 e 1983, quando o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) ganhou força, mesmo dentro do contexto da ditadura civil-militar (1964- 1985), marcada pelos processos de violenta perseguição a tudo o que se colocasse contra a ideologia defendida pelo regime ditatorial. Um ponto importante para o progresso dessa primeira onda foram as publicações alternativas, principalmente do *Jornal Lampião da Esquina* e do grupo Somos.

A segunda onda acontece entre os anos de 1984 e 1992, com o surgimento da doença causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), a Síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Os ativistas tiveram que lidar com essa epidemia de frente, buscando uma resposta do governo para a doença. Ao mesmo tempo, o movimento teve que lutar contra o estigma criado por conta da pressão social, que estabeleceu a ideia de que os indivíduos homossexuais não eram pessoas decentes e que eram os únicos causadores e transmissores de uma doença letal e incurável.

Nessa época, foram iniciadas discussões sobre diversos temas primordiais para o crescimento dessa comunidade. A luta pela despatologização da homossexualidade⁷, o conceito de “orientação sexual”, que será apresentado mais adiante, e a desconstrução de toda essa opressão, pretensamente justificada através do que era chamado de “câncer gay”, são pautas extremamente relevantes até os dias de hoje.

Finalmente, a terceira onda, para Facchini (2005), corresponde ao período entre os anos de 1992 e 2005, (ano de publicação de sua obra). A principal característica dessa onda é o crescimento de ONGs e grupos que correspondem ao movimento hoje denominado LGBTQIA+.

⁷ A homossexualidade ou “homossexualismo” (palavra com sufixo -ismo, que possui conotações médicas e patológicas) era tida como doença até a data de 17 de maio de 1990, quando foi retirada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID).

Foi nos anos 1990 que as políticas públicas de saúde, principalmente voltadas à prevenção da AIDS/HIV, ganharam força. Já no governo Lula (2003-2011), as políticas públicas ganharam um caráter voltado à cidadania e aos direitos humanos, e a implementação dessas políticas contribuiu muito para o movimento de integração que notamos na comunidade.

Contemporaneamente, de acordo com Pereira (2016, p. 9):

Aqui ousamos arriscar dizer que o Movimento LGBT vive um contexto que pode, supostamente, ser caracterizado por uma “quarta onda”. Nessa observa-se o deslocamento de ativistas LGBT para o interior do Estado, atuando na formulação e execução de políticas públicas, o que tem gerado novos dilemas políticos e teóricos.

Estando nos anos de 2020-2021, podemos apontar que as consequências de todo esse percurso já podem ser desfrutadas, contudo ainda estamos longe de chegar ao tão almejado objetivo. Mesmo que se tenha conquistado muita coisa, ainda há necessidade de continuar lutando. E toda essa luta, hoje, se volta para a questão da integralidade e inclusão. Bortoletto (2019, p. 9) explicita:

Se antes o movimento se resumia com a sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), a sua evolução, que se viu percorrendo uma grande linha na criação de diversas outras siglas e alteração das já antes existentes, hoje propõe como principal ideologia a inclusão de todas as sexualidades tidas como diferentes do padrão heterossexual cisgênero.

Conceitos introdutórios

Para traçar uma linha de raciocínio coerente sobre as vivências da comunidade LGBTQIA+ durante a pandemia, vale a pena apontar algumas definições sobre o que significam as letras que formam a sigla.

Dentro da própria comunidade há discussões sobre a viabilidade de tantas letras para compor a sigla inteira, inclusive não havendo um consenso sobre como a mesma deveria ser grafada. Não por acaso, encontram-se artigos mencionando LGBT's, LGBTI's etc. Contudo, a adoção de uma sigla com mais letras se justifica, quando se leva em consideração a importância da representatividade de cada elemento, que possui sua individualidade e sua história.

Sendo assim, de maneira didática, será apresentada nessa seção a história da composição da sigla e, após isso, o significado de cada letra que a compõe.

Buscaremos seguir a sequência das letras na sigla e explicar brevemente o sentido dos termos.

Para iniciar a discussão, é de grande relevância explicitar dois conceitos para a apresentação das definições da sigla mais adiante. O primeiro conceito diz respeito a “gênero”, que foi criado para diferenciar o meio biológico do social. Corresponde ao fato de que os indivíduos são produtos de uma realidade social e não definidos apenas pela anatomia de seus corpos. É importante também apontar que o conceito moderno de gênero nasceu dentro do movimento feminista⁸ e foi fruto de uma discussão entre as teóricas e pesquisadoras da época. De acordo com Grossi (1998, p. 4):

O conceito de gênero chegou até nós através das pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria *gender* para falar das "origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres..."

O segundo conceito é o de “sexo biológico” e se relaciona com as características biológicas de um ser desde o momento de seu nascimento. Tais características correspondem à composição hormonal, genitália, atributos físicos, entre outros. Segundo De Jesus (2012, p. 9),

Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

Depois de traçados tais conceitos, é importante pensarmos na ideia de “orientação sexual”, “identidade de gênero” e suas “expressões”. Orientação sexual é uma tendência involuntária do indivíduo em sentir atração sexual e/ou afetiva por outro(s) indivíduo(s). As diferentes denominações de orientação sexual vão se dar em função do gênero da pessoa comumente desejada, por exemplo, uma pessoa é heterossexual quando possui atração sexual por indivíduos de gênero diferente ao seu (dentro da lógica binária, ou seja, feminino e masculino).

Já a identidade de gênero se define como uma percepção do próprio indivíduo acerca de seu gênero. Tal identidade pode ser coerente com a lógica binária

⁸ Movimento social que busca lutar pela igualdade de gênero e contra a violência voltada para esse público, que sofre constantemente.

socialmente aceita, que enxerga apenas duas possibilidades de identidade, uma masculina e outra feminina. Mas pode também variar entre essas definições, podendo ou não envolver mudanças corporais, comportamentais e outras expressões, tais como o modo de vestir ou falar. Segundo De Jesus (2012, p. 24):

50

Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

Por fim, o termo “expressão de gênero” diz respeito à forma de manifestação social desse indivíduo, que se mostra através de nomes, vestimentas, comportamentos, atitudes, entre outros. Vale ressaltar que a cultura em que um indivíduo está inserido influencia diretamente nessas expressões. O sexo biológico, a seu turno, pode ou não influenciá-las. Novamente, recorremos a De Jesus (2012, p. 24), que define expressão de gênero como:

Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.

Com isso, dois outros conceitos se estabelecem. A “cisgeneridade” corresponde a uma expressão não grafada no dicionário padrão da língua portuguesa que diz respeito à condição do indivíduo cuja identidade de gênero corresponde ao sexo biológico. Já a “transgeneridade” é uma variante da palavra transgênero e diz respeito à condição involuntária do indivíduo cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico. Logo, o indivíduo cisgênero é o sujeito que se identifica com seu sexo biológico e se expressa através dele. O indivíduo transgênero é o sujeito que não se identifica com seu sexo biológico.

Pessoas transexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem “corrigir” isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si. Isso pode se dar de várias formas, desde uso de roupas, passando por tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos. (DE JESUS, 2012, p.15)

As letras que compõem a sigla

A comunidade LGBTQIA+ sofre mudanças constantemente, por isso se deve levar em consideração que a definição de cada letra é variável. Sendo assim, não é possível colocar em tabelas toda a identidade presentemente construída. Apesar disso, para fins didáticos, optou-se por formular uma tabela (Tab. 1) com as definições de cada letra que compõe a sigla inteira, com as alterações presentes até o ano da realização deste artigo.

Tabela 1: Letras e definições que compõem a sigla LGBTQQICAPF2+:

LETRA	DEFINIÇÃO
L - Lésbicas	Mulheres cis ou trans que possuem atração pelo mesmo gênero.
G - Gays	Homens cis ou trans que possuem atração pelo mesmo gênero.
B - Bissexuais	Indivíduos que possuem atração por ambos os sexos e gêneros.
T - Transgêneros; Transexuais; Travestis	Indivíduos que não se identificam com seu sexo biológico. Não há relação direta entre essa experiência e uma ou outra orientação sexual específica nem necessariamente com práticas cirúrgicas de transformação corporal.
Q - Queers	Termo abrangente que define todos os indivíduos que não seguem a heterocisnormatividade ⁹ .
Q - Questionando	Indivíduos que ainda estão questionando seu próprio gênero e sexualidade.
I - Intersexuais	Indivíduos que possuem características genéticas que não o definem em um gênero específico.
C - Curiosos	Indivíduos que possuem curiosidade em se relacionar com outros gêneros e sexos, mesmo tendo certeza da sua orientação e gênero.
A - Assexuais	Indivíduos que não possuem interesse em atividades sexuais.
A - Aliados	Indivíduos que cooperam com a existência da comunidade.
A - Agêneros	Indivíduos que não se identificam com algum gênero.
P - Pansexuais	Indivíduos que sentem atração romântica e/ou sexual por qualquer outro indivíduo, independente do gênero, sexo e orientação.

⁹ Movimento social que estabelece o padrão heterossexual e cisgênero como “correto” e “natural”, consequentemente resultando na marginalização de padrões diferentes como: homossexual, transexual, transgênero etc.

F - Família e amigos	Família e amigos de indivíduos que fazem parte da comunidade.
2 - Twospirits	Indivíduos que acreditam ter nascido com espíritos masculinos e femininos no corpo.
+	Sinal que abrange quaisquer outras manifestações e identidades que apareçam.

A SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA

Após a apresentação do percurso da comunidade LGBTQIA+ e traçados os conceitos de gênero e sexualidade, com a finalidade de relacionar os temas, cabe uma reflexão sobre o impacto da Covid-19 na saúde mental da população mundial. Já que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), instaurou-se uma pandemia desde a data 11 de março de 2020. Como já apresentado, “a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.” (BRASIL, 2020).

Acompanhada de uma sintomatologia típica, que vai de um resfriado a uma síndrome gripal, SARS-CoV-2 é um vírus novo que ainda está em fase de estudo no mundo inteiro. Mesmo havendo estudos comprovados, a medida de prevenção mais segura ainda é evitar o contágio. O Ministério da Saúde enumera os sintomas mais comuns como: tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda de olfato (anosmia), alteração do paladar (ageusia), distúrbios gastrintestinais (náuseas/ vômitos/ diarreia), cansaço (astenia), diminuição do apetite (hiporexia) e dispneia (falta de ar).

De acordo com Freitas, Napimoga e Donalisio (2020, p. 1):

Recomendações da OMS, do Ministério da Saúde do Brasil, do Centers for Disease Control and Prevention (CDC, Estados Unidos) e outras organizações nacionais e internacionais têm sugerido a aplicação de planos de contingência de influenza e suas ferramentas, devido às semelhanças clínicas e epidemiológicas entre esses vírus respiratórios. Esses planos de contingência preveem ações diferentes de acordo com a gravidade das pandemias.

Por se tratar de uma pandemia, os órgãos de competência governamental (OMS, Ministério da Saúde) fazem recomendações à população para que seja evitada ao máximo a possível infecção, sendo as principais orientações o distanciamento social e as medidas sanitárias. De acordo com De Rezende (1988, p. 154), “O conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente”.

As mídias tradicionais e alternativas estão divulgando as informações sobre a doença diariamente. Tratando-se de uma situação adversa, a população tende a ficar apreensiva, por conta do cenário de insegurança, de temor e de risco de morte. Essa preocupação excessiva causa sintomas de ansiedade, podendo evoluir para um quadro de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). Segundo o DSM-5 (2014, p. 233):

Os transtornos de ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Medo é a resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura.

Devido à dificuldade de respirar ser um dos sintomas de Covid-19 e ser também um sintoma recorrente da crise ansiosa, alguns indivíduos acabam achando que estão contaminados e conseqüentemente, desencadeando uma crise de ansiedade.

O sofrimento psíquico é também derivado da quarentena e das medidas de distanciamento social, que limitam o contato e o afeto entre familiares e conhecidos, resultando assim em sentimentos de saudade, isolamento e insegurança. Para Zandifar & Badrfam (2020 apud SCHMIDT *et al.*, 2020, p. 4):

A rápida disseminação do novo coronavírus por todo o mundo, as incertezas sobre como controlar a doença e sobre sua gravidade, além da imprevisibilidade acerca do tempo de duração da pandemia e dos seus desdobramentos, caracterizam-se como fatores de risco à saúde mental da população geral.

Todo esse cenário é constantemente agravado com o advento das *Fake News*¹⁰ e mitos a respeito da doença, gerando assim a precarização das informações e orientações básicas.

Outro ponto relevante a ser citado é a mudança na rotina e nas relações familiares. Muitos indivíduos estão sendo obrigados a passar mais tempo em suas casas, expostos diariamente a fatores estressores do contexto atual, intensificando assim o tempo de convivência entre moradores de uma mesma residência, o que pode desencadear um aumento nos conflitos familiares.

Além disso, também há indivíduos que não estão seguindo as regras à risca, colocando seus companheiros de moradia em situação de vulnerabilidade. Há também uma grande possibilidade de aumento da violência contra mulher, já que muitas estão confinadas com seus agressores e, conseqüentemente, não têm a oportunidade de denunciar as agressões. Ainda, o aumento da violência contra crianças e adolescentes também é um dos pontos que devem ser explicitados.

O surgimento e agravamento de transtornos mentais, a predominância de pensamentos e emoções negativas, o sono irregular, a instabilidade de humor, a mudança de rotina e a insegurança na saúde são algumas conseqüências da realidade pandêmica que afetam diretamente os indivíduos nesse período. Dessa forma, pode-se considerar a pandemia como um momento de bastante fragilidade na saúde mental. Muitos gatilhos¹¹ e estressores podem ser considerados graves, principalmente em pessoas que já possuíam algum tipo de transtorno. Por isso, profissionais da saúde mental estão orientando formas de manutenção do bem-estar.

Contexto LGBTQIA+ de saúde mental na pandemia

Após refletirmos sobre os pontos anteriores, vale a pena relacionar a situação vivenciada pelos integrantes da comunidade LGBTQIA+ no contexto pandêmico, já que, como outros grupos, a comunidade apresenta um alto índice de vulnerabilidade quando o assunto é saúde mental. Este tema é caro para a comunidade LGBTQIA+ não apenas, mas também em tempos de isolamento social e pandemia, pelo motivo da vivência singular que esses indivíduos enfrentam.

¹⁰ Expressão na língua inglesa que é usada para se referir a informações falsas que são divulgadas principalmente em redes sociais e nas mídias alternativas.

¹¹ Expressão que diz respeito a emoções e pensamentos que podem ser evocadas por uma situação específica e podem acarretar algum tipo de reação negativa ou positiva.

Esta comunidade é vulnerabilizada por diversas práticas de violência, opressão, exclusão e pressão social. Isso faz com que os LGBTQIA+ sejam um dos grupos, ao lado das mulheres, crianças e adolescentes já citados, por exemplo, que têm que lidar com impactos graves em função da pandemia. São sujeitos obrigados a viverem escondidos, que muitas vezes são expulsos de suas casas e que podem estar em convívio com seus agressores, pois o processo da violência pode acontecer dentro do próprio núcleo familiar. Segundo De Araújo (2019, p. 1), por exemplo,

O suicídio é uma das principais causas de morte no Brasil e no mundo, configurando-se como uma questão de saúde pública. Pesquisas nacionais e internacionais têm evidenciado que o número de suicídios é elevado no segmento LGBTQIA+ em relação à média da população, sendo então considerado um grupo de risco.

Aliás, quando falamos de isolamento social, é válido lembrar que pessoas “T” já vivem esse isolamento há tempos, pois são pessoas que experienciam violências em seus mais variados graus.

Outro estressor a ser citado, nesse contexto de vulnerabilidade, pode ser a privação das relações afetivas. Por conta do isolamento social, as pessoas estão sendo orientadas a permanecerem em suas casas e isso acaba restringindo o contato com as redes externas de apoio. Vivemos em uma sociedade que estabelece a heterocisnormatividade como regra, atribuindo uma imagem negativa sobre as pessoas da comunidade LGBTQIA+. Diante disso, é importante desconstruir o que essa estrutura social impõe.

Muitas pessoas da comunidade LGBTQIA+ passam por dificuldades em suas próprias casas e não possuem apoio familiar. Por isso, é importante focar na rede de apoio mais próxima, independente de laços familiares.

O indivíduo, por exemplo, que está em risco de suicídio, pode ligar para o 188 (Centro de Valorização da Vida), assim como ligar para o disque 100 (Disque Direitos Humanos), e, principalmente, tentar investir no processo de se unir a quem, de fato, pode prestar suporte. É primordial buscar, na própria região, os serviços de acompanhamento psicológico, pois, aqui no Brasil, as redes de saúde são responsáveis por esse acolhimento. Vale ressaltar que, como citado anteriormente, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de países que mais violentam e matam

pessoas da comunidade LGBTQIA+. Lidar com o medo constante de sofrer violência é um tema muito presente na vida desses indivíduos.

Há também indivíduos da comunidade que ainda não encontraram as condições necessárias para desenvolver o tão falado “orgulho” de sua identidade. Por conviverem com a família nesse cenário pandêmico e por conta de toda pressão social envolvida, acabam sendo obrigados a se esconderem na identidade heterossexual, por ser mais aceita. Toda essa situação pode acarretar diversos problemas de autoestima, identidade e autonomia, afetando diretamente a saúde mental desse sujeito. De Araújo (2019, p. 19) conclui que

(...) justamente por ser um grupo de risco, torna-se de fundamental importância, para se pensar as políticas públicas de prevenção ao suicídio LGBTQIA+, o reconhecimento da singularidade de suas formas de adoecimento psíquico, as quais, estão atravessadas por intensa opressão e impossibilidade de ser. Nesse sentido, o sofrimento resultante destas condições concretas é, sobretudo, um sofrimento ético-político. Este, ao invés de ser pensado como um bloco imutável, deve contemplar necessariamente o movimento constante das distintas formas de poder e opressão que se dão sobre cada segmento, inclusive, dentro dele próprio.

RESULTADOS

Perfil geral dos entrevistados

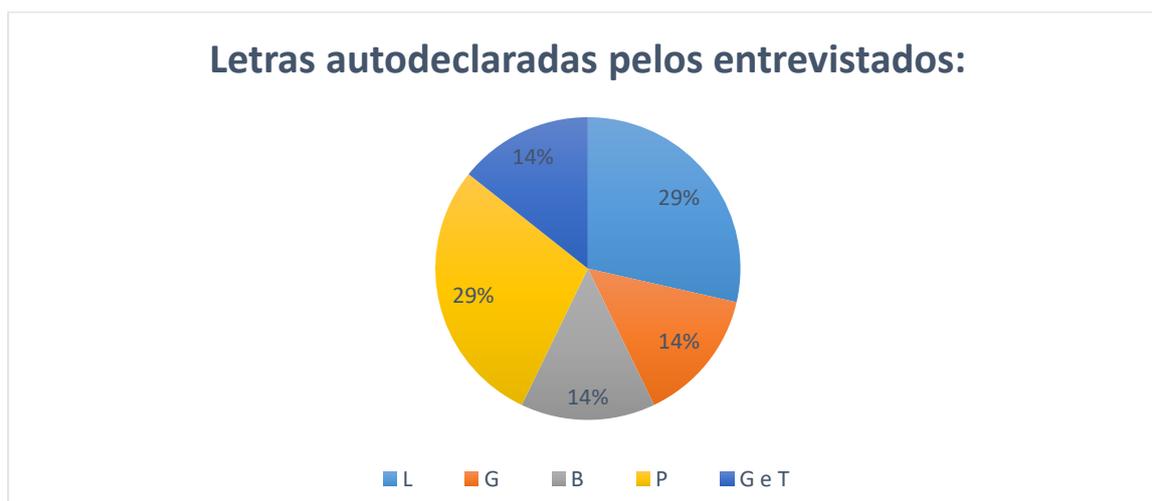


Gráfico 1: Letras autodeclaradas pelos entrevistados.

Dentro da amostra dos sete entrevistados, cinco são indivíduos do gênero feminino, um do gênero masculino e um do gênero não-binário. A idade dos sujeitos varia entre 22 e 30 anos. A renda familiar bruta¹² se encontra entre 3.000\$ e 17.000\$. Sendo assim, foram classificados, segundo a tabela do IBGE (2019)¹³, como sendo um entrevistado da classe A, três da classe B e três da classe C. Dentre os integrantes da amostra temos cinco estudantes, um professor e um desempregado. Todos os indivíduos desse grupo informaram estar vivenciando a quarentena com parentes de 1º grau¹⁴, que ocupam a mesma residência e o número de moradores dessas residências variam entre dois e quatro.

Quanto às questões realizadas na entrevista, optamos por como está disponível no anexo I deste artigo. O instrumento utilizado foi um roteiro estruturado com cinco questões abertas que relacionavam o tema vivência na pandemia e a realidade LGBTQIA+.

Apresentação dos indivíduos entrevistados

Para realizar a análise de forma mais dinâmica e ética, substituímos os nomes dos indivíduos entrevistados por nomes de personalidades famosas e que se identificam publicamente como pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Por isso serão apresentados os perfis dos entrevistados individualmente abaixo por meio de uma tabela (Tabela 2):

¹² Soma financeira bruta de cada morador de um mesmo domicílio.

¹³ Cabe uma pequena observação sobre a limitação dessa tabela que apresenta diversos pontos que não são levados em consideração como: quantidade de moradores de uma mesma residência, quantidade de bens acumulados e outros pontos que limitam a classificação.

¹⁴ Estabelece-se o primeiro grau através da relação entre pais e filhos, logo são parentes de primeiro grau: pais, filhos e irmãos.

Tabela 2: Perfil dos indivíduos entrevistados

Nome fictício	Idade	Gênero	Identificação	Classe social ¹⁵	Ocupação
Adriana Calcanhotto ¹⁶	25	Feminino (Cisgênero)	Lésbica	C	Professora
Anitta ¹⁷	25	Feminino (Cisgênero)	Bissexual	B	Estudante
Cássia Eller ¹⁸	22	Feminino (Cisgênero)	Lésbica	B	Estudante
Miley Cyrus ¹⁹	22	Feminino (Cisgênero)	Pansexual	C	Desempregada
Pablo Vittar ²⁰	23	Masculino (Cisgênero)	Gay	A	Estudante
Sam Smith ²¹	23	Não-binário (Transgênero)	Gay	B	Estudante
Sia ²²	30	Feminino (Cisgênero)	Pansexual	C	Estudante

Análise generalista

Levando em consideração as experiências captadas e a natureza das questões estruturadas, houve uma grande ocorrência de falas em comum entre os entrevistados. De modo geral, percebemos que a maioria dos sujeitos expuseram suas visões através de suas respostas, levando em consideração o contexto da pandemia e suas vivências como integrantes da comunidade LGBTQIA+. A percepção

¹⁵ Baseadas na tabela do IBGE (2019).

¹⁶ Adriana Calcanhotto é uma cantora, compositora, intérprete, instrumentalista, produtora, escritora, ilustradora e professora brasileira, que se identifica abertamente como lésbica.

¹⁷ Anitta é uma cantora, compositora, atriz, dançarina, empresária e apresentadora brasileira. Identifica-se publicamente como bissexual.

¹⁸ Cassia Éller foi uma cantora, compositora e multi-instrumentalista brasileira, que se identificou abertamente como bissexual numa época em que integrantes da comunidade LGBTQIA+ possuíam pouca abertura para lutar publicamente pelos seus direitos.

¹⁹ Miley cyrus é uma cantora, compositora e atriz estadunidense, que se identifica como pansexual e não-binária. É considerada uma das mulheres mais bem pagas do mundo. É ativista em causas de proteção à animais e de visibilidade da comunidade LGBTQIA+.

²⁰ Pablo Vittar é uma *Drag Queen* e cantora Brasileira, que se identifica abertamente como homem gay e luta em prol dos direitos da comunidade LGBTQIA+ mundialmente. Foi considerada pela revista *Forbes* a *Drag* mais popular do mundo.

²¹ Sam Smith é um cantor e compositor americano, que se identifica abertamente como não-binário e gay e possui muitos trabalhos voltados para essa temática.

²² Sia é uma cantora, compositora, produtora, diretora, roteirista e dubladora australiana, que se identifica abertamente como pansexual desde o início de sua carreira e luta em prol dos direitos da comunidade LGBTQIA+ mundialmente.

de cada sujeito foi o ponto inicial da análise dessas experiências e, ao optarmos por questões abertas, foi possível cumprir o objetivo da pesquisa, de modo que todas as individualidades fossem levadas em consideração.

No fim, foi possível perceber que não havia uma “resposta” correta para as questões presentes no instrumento utilizado e sim que o principal ponto para a formulação desse artigo seria dar voz para a experiência dos indivíduos integrantes da comunidade. Sendo assim, dentre muitos temas abordados, alguns pontos se entrelaçam e aparecem na fala de muitos dos indivíduos entrevistados.

A primeira questão pedia para os entrevistados relatarem, de um modo geral, como foi a vivência pandêmica na experiência deles. Como resultado dessa questão tivemos muitos dos integrantes respondendo quase todas as questões presentes no instrumento. Contudo, os entrevistados acabaram realizando um resumo de sua vivência na pandemia e assim apareceram muitos relatos diferentes.

Mais da metade dos entrevistados relataram que a experiência pandêmica foi ruim. Muitos deram como justificativa para essa percepção a piora das relações sociais, a falta de contato com outros integrantes da comunidade, a dificuldade de se conectar através dos meios digitais e a insegurança, tanto na questão econômica quanto na questão da saúde.

É o que podemos perceber, por exemplo, na fala de Sam Smith, que afirma que: “Então eu até brinco com os meus amigos... brinquei com um amigo meu que esse ano em relação ao meio social foi um ano perdido.”. Ou também no relato de Pablio Vittar, que diz: “(...) quando eu estou com os meus amigos, além de programas de casa assim, social e tal, a gente sempre foi muito de sair, de ir para balada e tudo mais e isso fez falta de certa forma...”

Uma pequena parcela dos entrevistados expõe uma visão mais otimista em relação ao contexto pandêmico, deixando claro que julgam como um momento de aprendizado e experiências, dando como justificativa a facilitação de acesso às aulas, já que se tornaram remotas e a maior disponibilidade de tempo para desenvolver novas habilidades. Um exemplo dessa captação se dá na fala de Cássia Eller, quando diz: “(...) para mim, egoistamente foi mais confortável [o ensino remoto adotado pelas instituições, seguindo as normas de distanciamento social preconizadas pela OMS]. Mas eu sei que não é assim para maioria, então, no caso, sei lá...”

Partindo para a segunda questão, que diz respeito a relações interpessoais dentro do contexto da pandemia, a maioria dos entrevistados relatou que esse foi um

dos pontos mais difíceis de lidar na pandemia. Justificativas como afastamento de amizades, brigas entre membros da própria casa, falta de convivência com integrantes da comunidade LGBTQIA+ e falta de tempo para ficar sozinho foram as que mais apareceram na fala dos entrevistados e apenas um deles, nessa questão, falou sobre o uso de aplicativos de relacionamento, relatando sobre a diminuição causada pelo contexto pandêmico.

Isso aparece, por exemplo, na fala de Pablio Vittar, que sobre os relacionamentos sexuais, registra: “(...) outra coisa também que é muito comum na nossa comunidade é o uso de aplicativos de pegação²³ para se relacionar mesmo, sexo casual e tudo mais. Que eu sempre tive costume de usar e acabei tendo que diminuir essa frequência. Era uma forma assim de eu me distrair, aliviar, sei lá.”

Diferentemente dos aplicativos de relacionamento, o uso de outros meios sociais e tecnológicos foi intensificado por conta da realidade vivenciada mundialmente e muitos dos entrevistados expuseram sua realidade acerca dessa temática. É o que se nota na fala de Anitta: “o que eu comecei a fazer foi ser um pouco mais militante em relação a isso [aceitação social e questões da comunidade LGBTQIA+], sabe? Por não querer sofrer e não querer ver outras pessoas sofrendo... Eu comecei a ser um pouco mais ativa nas redes sociais para ajudar e tal... Conversar com quem precisasse conversar...”.

Anitta evidencia dois temas. Primeiro, ao mencionar as relações virtuais, deixa de lado o aspecto sexual trazido por Pablio, e enfatiza o uso das redes sociais como ferramenta de militância. Ao mesmo tempo, permite identificarmos nessa sua decisão um tema bastante recorrente quando falamos sobre a comunidade LGBTQIA+, que é o “orgulho” e se define, segundo De Jesus (2012, p. 32), como

Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.

É de extrema importância lembrar que a pandemia não pode, de forma alguma, parar o “orgulho”. É imprescindível investir em relações positivas, reforçando um papel ativo dentro da comunidade e suas causas, mesmo que por meios remotos.

²³ Expressão da língua portuguesa que diz respeito à prática de relações sexuais sem envolvimento afetivo.

Na terceira questão, que fala sobre as recomendações de segurança preconizadas pela OMS (2020), a grande maioria dos participantes considerou um grande incômodo ter que seguir essas recomendações por conta de serem coisas novas, totalmente diferentes do que estavam habituados e por terem que se privar de coisas que gostam de fazer. Apenas um dos entrevistados considerou ser tranquilo seguir as recomendações, pois já possuía um certo conhecimento acerca desses procedimentos. Um exemplo dos comentários mais constantes se dá na fala de Sia: “Foi complicado porque é uma coisa totalmente nova né, acredito que foi bem complicada para todo mundo, mas eu também não pirei não...”

Mais da metade deles considerou seguir as orientações de uma maneira geral. Menos da metade falou sobre pequenos momentos em que não seguiram totalmente o recomendado. Apenas um assumiu que está frequentando lugares com “aglomerações” de pessoas: “E é bem difícil ficar em casa. Por mais que eu lave as mãos, use álcool em gel e máscara eu confesso que estou indo para lugares com aglomeração.”, disse-nos Anitta.

Vale a pena salientar que, mesmo que esse tipo de comportamento vá contra as orientações preconizadas pela OMS (2020), não cabe a nós apontarmos um olhar de julgamento. Fazer isso de partida seria não estabelecer uma postura empática, menosprezando o sofrimento alheio e reduzindo as experiências vivenciadas por esses indivíduos, considerando-as a partir de nossas próprias perspectivas.

Seguindo para a quarta questão, que versa o tema sobre como é ser um integrante da comunidade LGBTQIA+, dentro da experiência vivenciada pela própria pessoa, muitos relatos diferentes apareceram. Mais da metade dos entrevistados considerou ter coisas boas e ruins dentro da vivência LGBTQIA+ no Brasil.

Ressaltaram como pontos negativos os preconceitos e agressões cometidos por não integrantes da comunidade, as dificuldades de identificação dentro da própria sigla e alguns problemas de exclusão dentro da própria comunidade. Como pontos positivos, indicaram: fazer parte dos eventos culturais organizados para pessoas LGBTQIA+, a grande quantidade de referências artísticas presentes na comunidade, o acolhimento e a rede de apoio oferecidos pelos próprios LGBTQIA+.

Um exemplo de fala que relata a recorrência dos pontos negativos se mostra através de Pablio Vittar: “(...) eu diria que o lado ruim, obviamente, são os preconceitos que persistem até hoje por ‘n’ motivos e, né, os medos que a gente tem de sair na rua, sei lá, de mão dada com alguém e acabar apanhando ou, sei lá, se vestindo como

quiser e acabar apanhando, ou receber alguma ofensa de alguma forma. Porque, querendo ou não, é o que machuca, né? E, enfim, para mim é a pior parte de todas.”

É importante indicar que esse lado negativo descrito na fala acima está muito relacionado com os comportamentos de discriminação, que resultam nos crimes de homofobia, transfobia e LGBTfobia²⁴. Segundo De Jesus (2012, p. 30) homofobia se define como:

Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual.

Há também bastante recorrência, dentro das falas, do tema da autoaceitação, processo muitas vezes conturbado quando falamos sobre a comunidade LGBTQIA+, por conta de seus integrantes terem que lidar com grandes pressões sociais e familiares desde o nascimento.

Esse ponto fica explícito na fala de Sam Smith: “Eu brinco porque eu comecei a me aceitar anos depois de me assumir. Eu comecei a me assumir para a minha mãe, para a sociedade e para os meus amigos. E acho que uns cinco anos depois comecei a me aceitar como homossexual e depois de me aceitar como homossexual eu comecei num processo de me conhecer mais e me aprofundar mais no tema e conhecer mais a luta que estou inserido. Em seguida eu comecei a questionar meu gênero e aí quando eu comecei a aceitar a minha sexualidade, meu gênero começou a ser questionado de novo e a minha cabeça começou a ficar confusa de novo e fiquei mais uns dois anos para buscar e tentar me encontrar na transgeneridade, que hoje me considero não-binário e que faz parte da letra T no LGBTQIA+ que é transgênero...”

Cabe uma discussão, ao analisar a fala anterior, pois Sam Smith se declara como integrante da letra “T” que, para ele, corresponde à Transgênero. Como foi citado anteriormente, compreendemos que pessoas não-cisgêneros são transgêneros ou trans. Segundo De Jesus (2012, p. 11):

²⁴ Expressão, não grafada no dicionário, que diz respeito ao medo ou ódio em relação aos indivíduos que fazem parte da comunidade LGBTQIA+.

Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero.

63

Sendo assim, entre algumas discussões, há vertentes que consideram a não-binariedade (não se identificar dentro do conceito binário de gênero feminino-masculino) como transgeneridade e, mesmo que tenham orientações sexuais diferentes, fazem parte da letra “T” de Transsexual, Transgênero e Travesti.

Já fazendo referências a falas dos entrevistados, alguns participantes também deram bastante importância para a letra “T” da sigla, que, como já foi citado, são os indivíduos que mais sofrem agressão e preconceito estatisticamente no Brasil. Isso fica claro em outra fala de Sam Smith: “Então, muita gente da sigla está mais marginalizada, como eu falei antes, como travestis, transgêneros. Eles devem ser afetados em questões da família e em questões sanitárias. Às vezes, depender da prostituição como uma fonte de renda e não poder mais...”

Dentro do assunto transexualidade, cabe um adendo sobre a importância da visibilização de indivíduos “T”, principalmente os transexuais e travestis. Estes, historicamente, sofrem com crimes de ódio, motivados por preconceitos. Tais crimes atualmente são enquadrados como transfobia, que se define como: “Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. Não confundir com homofobia.” (DE JESUS, 2012, p. 30)

Os pontos positivos relacionados à experiência de ser uma pessoa LGBTQIA+ ficam expostos na fala de Cássia Eller: “Toda a bagagem cultural, toda minha vivência, todo o meu apoio, todo o meu acolhimento de vida tem a ver com a comunidade LGBT. E é até difícil às vezes conviver muito tempo com pessoas que não sejam da comunidade porque eu acho que a nossa vivência mesmo sendo diferente entre as letras é muito parecida no geral. Acho que só difere mais para [quem é] ‘T’ mesmo...”

Menos da metade desses entrevistados considerou apenas ser difícil a vivência como integrante dessa comunidade. Refletiram muito sobre pontos como autoaceitação, aceitação da família e a imposição social da heterocisnormatividade. Apenas um dos integrantes não se posicionou sobre ser bom ou ruim, apenas argumentou sobre suas experiências de autoaceitação e identificação. Anitta, por exemplo, afirma: “para mim foi bem difícil, porque eu vivi escondida durante muito tempo... não escondida de mim mesma, mas escondida da minha família e, quando

eles descobrirem, foi um choque. A convivência foi bem difícil e eu me afundei mais ainda na depressão que eu *tava* [sic] na época e inclusive em uma das brigas que eu tive com meu pai eu tentei suicídio... A gente acaba procurando muito escape na rua, né?... Quando a gente não tem aceitação na família...”

Um último ponto que foi bastante recorrente nas falas dos indivíduos entrevistados dentro da quarta pergunta do roteiro de entrevistas diz respeito à identificação e aceitação dentro da própria comunidade. Muitos dos sujeitos entrevistados relataram preconceitos sofridos dentro da comunidade e ainda falaram sobre a pouca visibilidade da letra com que se identificam. Um exemplo disso se dá na fala de Cássia Eller: “Às vezes eu me sinto um pouco excluída no contexto LGBT, tipo, mesmo eu sendo ‘L’, eu acho que na maioria das vezes é muito ‘GGG’ e o ‘T’, o próprio ‘P’ de Pan nem ‘tá’ [sic] na sigla, sabe? Eu acho que as vezes muitas siglas além do ‘G’ ficam um pouco se sentindo de fora.”

Esta fala conversa também com o que disse Sam Smith: “A minoria dentro da minoria é muito, muito prejudicada dentro dessa bolha²⁵. Os menos afetados são os homossexuais homens, brancos e padrãozinho. Então a gente que é gay afeminado, quem é negro, quem é transgênero, transexual, travesti, lésbica e bissexual é muito marginalizado dentro dessa coisa que já é marginalizada, então eu tenho essas ressalvas.”

Na quinta e última pergunta, que trata de relacionar a vivência LGBTQIA+ e o contexto pandêmico, apareceram respostas bem interessantes que geram reflexão acerca de todos os temas abordados anteriormente. Este é, aliás, o tema primordial de nossa pesquisa. Sendo assim, decidimos expor trechos de todos os entrevistados sobre a questão para que a experiência de cada um desses sujeitos seja valorizada.

Em sua resposta à pergunta, Cássia Eller, por exemplo, reforça a grande rede de apoio que a comunidade LGBTQIA+ significa para ela. Dentro de seus próprios relatos, conta que a pandemia a fez enxergar o grande significado dessa vivência, conta também sobre a falta que essas experiências fazem em seu cotidiano. “Eu vi que tem uma importância não só de diversão, mas uma questão emocional que eu achei, que eu só me dei conta quando eu perdi e, principalmente, dos amigos também e achei que em casa, como eu não tenho nenhum parente LGBT, eu sinto falta mesmo

²⁵ Expressão que diz respeito à bolha social e que se define como conjunto de pessoas que partilham os mesmos hábitos, gostos, culturas etc.

de poder conversar sobre isso ou conversar sobre as próprias vivências ou de você simplesmente identificar mesmo.”

Adriana Calcanhotto desenvolveu o assunto de outra forma, reforçando o sofrimento, dentro de sua experiência, do que é viver dentro de uma pandemia, respeitando as recomendações de distanciamento e isolamento sociais preconizadas pela OMS (2020). Disse-nos: “... senti falta da minha liberdade, me afetou em um nível muito grande, não conheci ninguém durante a pandemia e não vejo a hora dela acabar, quero sair na rua sem medo.”

Já nos relatos de Sia, nota-se uma visão mais otimista em relação à quinta e última questão. No trecho a seguir, ela versa sobre as amizades que acabou cultivando na pandemia que, segundo ela, foram resultados do aumento da utilização de aplicativos de relacionamento, como o *Tinder*, participação de grupos de meninas e grupos de LGBTQIA+. Ela nos contou que, “(...) num geral, assim, eu acabei colhendo muitas boas amizades, colegas assim que ajudam a passar por esse período e eu acho que foi isso que eu vejo nesse contexto...”

Pablo Vittar, por sua vez, dá ênfase para as partes boas de suas experiências na pandemia. Segundo ele, todo esse impacto foi uma surpresa que, se fosse em outro contexto, provavelmente não aconteceria. Relatou aumento em seu autocuidado e aprendizados únicos. “Então, influenciou de muitas formas, muitas e muitas formas, mas a que de fato mais me impactou foi o convívio social [...] mas ao mesmo tempo impactou de uma forma que eu não esperava, que foi bem boa, eu passei a cuidar mais de mim, acho que por eu ter mais tempo em casa de fato, sem ter aquela jornada de ter que ir trabalhar, ter que ir para faculdade, eu comecei a tomar mais cuidado comigo...”

Já Anitta refletiu sobre suas experiências pandêmicas de forma que falasse sobre sua rede de apoio. Esta, segundo ela, antes da pandemia, era estabelecida por suas relações interpessoais fora de casa. Além disso, considerou a falta de aceitação familiar, o que, dentro de sua experiência, dificulta muito o convívio na pandemia. Diz-nos Anitta que “... o que mudou no início da pandemia pra [sic] mim... a gente acaba procurando muito escape na rua, né... Quando a gente não tem aceitação na família... Tendo que lidar com situações dentro de casa por não poder sair e piorar a cabeça, enfim... Então o que eu comecei a fazer foi ser um pouco mais militante em relação a isso, sabe?”.

Contrariando todos os pontos evidenciados anteriormente, Sam Smith relata que não foi muito afetado com essa pandemia e ele justifica tal relato falando sobre sua rede de apoio, que segundo ele é bastante ativa. “[A pandemia] não me afetou muito porque eu tenho uma estrutura familiar boa. Eu tenho uma mãe que me apoia, um companheiro que me apoia, amigos que me apoiam mesmo que nesse momento seja virtual, mas eu consigo ver que muita gente à minha volta não tem o apoio da família, então provavelmente ficou completamente afetado mentalmente por estar vivendo 24 horas do dia, sete dias da semana num ambiente familiar completamente hostil para essa pessoa...”

Por fim, Miley Cyrus enfatiza, em seu discurso, que a pandemia não afetou absolutamente nada em sua vivência. Mas também deixa claro que entende que outras pessoas sofreram bastante com a situação pandêmica, principalmente os indivíduos que compõem a letra ‘T’ da comunidade. “Assim... na minha vivência não afetou em nada, completamente nada. Nada de nada, mas... visando isso, eu penso muito nas pessoas transexuais. Transexuais e transgêneros, isso inclui as travestis também. Eu penso muito nisso porque já era complicado para essas pessoas conseguirem um emprego antes e se manterem antes, agora com a chegada da pandemia aqui, nós fomos limitados...”

Podemos perceber assim que a maioria dos entrevistados expressou uma visão mais otimista em relação às consequências da pandemia dentro de sua vivência. Temas como: orgulho LGBTQIA+, autocuidado e rede de apoio foram bastante evidenciados dentro dessas falas. Apenas dois indivíduos entrevistados se posicionaram de forma mais pessimista, apontando consequências como: falta de liberdade e dificuldade no convívio familiar. E diferentemente dos relatos anteriores, dois indivíduos consideraram nulas as consequências da pandemia dentro de sua vivência. Um deles atribuiu esse relato à sua rede de apoio e o outro afirmou ter consciência de que muitas pessoas foram afetadas, de diversas formas e principalmente as pessoas que fazem parte da letra “T”.

Contextualizando os trechos analisados, se pode notar relatos diferenciados e que são baseados nas experiências vivenciadas por cada indivíduo desse grupo de entrevistados. Por termos uma cultura tão pluralista, principalmente no Brasil, cada sujeito é impactado de forma única. Esse impacto também pode estar relacionado com a classe social, idade, gênero, orientação sexual, etnia e região onde reside tal sujeito.

É importante salientar que qualquer tipo de generalização referente aos impactos do contexto pandêmico na vivência individual é passível de erro, pois, como é explícito no artigo, as experiências variam muito de acordo com a realidade do sujeito.

67

Dentre uma infinidade de possíveis relatos, o que se pode tirar de refletir é que o contexto da pandemia do novo Coronavírus nos fez vivenciar inúmeras situações difíceis. Como brasileiros, tivemos que lidar, entre muitas outras coisas, com confrontos políticos e ideológicos, situações de insegurança financeira, crises econômicas e aumento no custo de vida. Dentro dessa nova realidade foram necessárias adaptações, já que quase todos os âmbitos da vida foram afetados, e assim se configurou a ideia de “novo normal”²⁶, que está sendo disseminada por todo o mundo. Sendo assim, vale a pena pensar acerca de tudo que envolve esse novo conceito e nos assegurar de que ainda estamos fazendo o melhor possível, dentro de todas as nossas limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo expõe os principais pontos que compõem o percurso histórico da comunidade LGBTQIA+, com a finalidade de contextualizar o leitor sobre a importância destes para compreender toda pluralidade dessa comunidade, que hoje ainda se encontra às margens da sociedade.

Nós somos o país que mais mata indivíduos integrantes da comunidade LGBTQIA+, principalmente os que fazem parte da letra T (transgêneros, travestis e transexuais), dos quais, segundo dados estatísticos da TGEu (2018), foram contabilizadas 868 mortes nos últimos oito anos.

Dito isso, como forma de disseminação de informação, o artigo buscou definir os principais conceitos sobre gênero e sexualidade, que permeiam toda formação da sigla, já que cada letra da sigla significa um tipo de identificação de gênero ou sexualidade. Além disso, todas as letras que compõem a sigla foram conceituadas através da Tabela 1, buscando manter o máximo de informações disponíveis até a data da realização deste artigo.

²⁶ Expressão utilizada por diversos indivíduos para diferenciar o momento que se vivia antes da ocorrência da pandemia causada pelo novo coronavírus do momento que ainda está por vir, após a normalização do quadro pandêmico.

A situação da pandemia causada pela COVID-19 serviu como tema para reflexões acerca da comunidade LGBTQIA+ inserida nesse contexto que, por ser um grupo minoritário, apresenta maior nível de vulnerabilidade. A saúde mental foi outro ponto chave para costurar tais reflexões: segundo pesquisas, a comunidade LGBTQIA+ apresenta alto índice de suicídio entre seus componentes. Além disso, há diversos agravantes para esse tipo de situação como pressão familiar, exclusão social e violência.

Para fins de cumprimento do objetivo principal do artigo, foram realizadas entrevistas com questões abertas com um grupo de sete indivíduos que se declaram integrantes da comunidade LGBTQIA+. O que resultou na captação de várias experiências que serviram como material para fomentar uma discussão acerca do tema proposto.

Sendo assim, foi possível transformar essa produção acadêmica em um veículo que pôde dar voz a esses integrantes da comunidade, buscando expor pura e simplesmente as vivências singulares de cada integrante da amostra entrevistada, que era composta por dois indivíduos 'L', um 'G', um 'B', um 'T' e 'G' e dois 'P'.

Finalmente, cabe a nós sugerirmos próximos estudos que reflitam a vivência LGBTQIA+ e que possam servir como instrumentos para captação e exposição de vivências, já que a importância desse tipo de produção não se limita apenas ao âmbito social, mas também está relacionada com a busca de direitos básicos e de sobrevivência dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

BORTOLETTO, G. E. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. São Paulo: USP, 2019.

BRASIL. **Sobre a doença: o que é COVID-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 07 dez. 2020.

DE JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, 2012.

DE REZENDE, J. M. Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical/Journal of Tropical Pathology**, v. 27, n. 1, 1998.

DE ARAÚJO, T. B. **Suicídio LGBTQIA+: DO SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PREVENÇÃO.** *Sexualidade & Política: REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICAS PÚBLICAS LGBTI+.* São Paulo, v.1, n.1, 2019.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FREITAS, A. R. R.; NAPIMOGA, M.; DONALISIO, M. R. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. e2020119, 2020.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e sexualidade.** Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, p.1-18, 1998.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, p. e300214, 2020.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

PEREIRA, C. F. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 4, n. 1, p. 115-137, 2016.

PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C. de; COSTA, C. F. T.; BEZERRA, C. M. de O.; PEREIRA, M. D.; SANTOS, C. K. A. dos; DANTAS, E. H. M. The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e652974548, 2020.

SCHMIDT, BEATRIZ *et al.* **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19).** *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 37, 2020.

SCHUCHMANN, A. Z. *et al.* Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3556-3576, 2020.

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Informações iniciais (quebra-gelo):

Nome:

70

Idade:

Qual sigla se identifica:

Ocupação:

Renda familiar:

Quantas pessoas residem na casa onde passou a quarentena:

Nível de parentesco:

Se estiver confortável, responda as seguintes perguntas:

- 1: De um modo geral, como foi a experiência pandêmica para você?
- 2: Como você enxerga suas relações interpessoais nesse contexto?
- 3: Como foi para você lidar com as orientações de distanciamento e isolamento preconizadas pela OMS?
- 4: Como é, dentro de sua experiência, ser um integrante da comunidade LGBTQIA+?
- 5: Tomando-se como integrante da sigla LGBTQIA+, como você acha que o contexto da pandemia possa ter influenciado em sua vivência?

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidadx para participar, como voluntárix, do projeto de pesquisa “LGBTQIA+: reflexões acerca das experiências vivenciadas por integrantes da comunidade no contexto pandêmico causado pelo coronavírus”, de responsabilidade do pesquisador Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza – Psicólogo – CRP 05/39201 e dos orientandos em pesquisa: Hiago de Carvalho Batista dos Santos, Ísis da Silva Furtado, Juliana Fernandes de Barros, Luanda Cristine Arrua Corrêa, Monique dos Santos Goulart e Pedro Rodrigues de Oliveira.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo reconhecer e apontar a diversidade de experiências vivenciadas dentro da comunidade LGBTQIA+ no contexto da pandemia causada pela doença COVID-19.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista semiestruturada que será realizada por um dos integrantes do projeto e será gravada e transcrita, assegurando a maior fidelidade possível em meu discurso.
3. Ao participar desse trabalho contribuirei para a formação de novxs psicólogxs atualizadx sobre questões de gênero e sexualidade.
4. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
5. Fui informadx e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.
6. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
7. Fui informadx que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.
8. Estou ciente de que o projeto vem sendo desenvolvido por alunos da graduação de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa, sob orientação do Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza, sendo os discentes: Hiago de Carvalho, Ísis Furtado, Juliana Fernandes, Luanda Cristine, Monique Goulart e Pedro Rodrigues.
9. Quaisquer dúvidas sobre a pesquisa e seus resultados, o contato está franqueado diretamente com o pesquisador Hiago de Carvalho Batista dos Santos pelo e-mail: hiagocarvalhobr@gmail.com

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento